

humanitas

Vol. LIX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

Vol. LVIX - MMVII



inovadores de H.-J. Glücklich, que nos últimos anos, enquanto presidente da Euroclassica, manteve muitos contactos com Portugal, e de F. Maier (cf.p. 433-440).

Perfilhando a fraseologia das conclusões (p.449-455), também nós esperamos que um país tão industrializado como a Alemanha não venha a regredir, por pensar que o progresso se faz sem as humanidades; é que o progresso alcançado esteve até agora ligado a um sistema educativo onde, sem prejuízo de alguns incidentes, o ensino das línguas clássicas teve papel extraordinário.

O facto de nos últimos anos, posteriores ao termo *ad quem* do presente estudo, a procura desse tipo de ensino ter aumentado consecutivamente, deixa-nos optimistas, tanto mais que, como o presente volume demonstra, sendo ele próprio um exemplo do afirmado, os classicistas alemães têm sabido reagir e até contribuir para dar resposta às novas exigências sociais no domínio do sistema escolar, conciliando "utilitarismo" com humanismo, fundamento de uma educação de natureza europeia e simultaneamente fundadora da identidade europeia.

FRANCISCO DE OLIVEIRA

Kohan, Walter O., *Infância e Filosofia*, organizado por C. CHIAPPERINI, Perugia, Morlacchi, 2006, 28 + 122 pp. ISBN: 886074007X.

Fala-se cada vez mais de filosofia para crianças ou P4C (Philosophy for Children). Grosso modo, é de conhecimento geral que foi criado um modo, ou melhor, que foram criados vários modos de ensinar filosofia para crianças (mais em geral, no contexto do ensino obrigatório), tendo-se superado aquela objecção que, não obstante, num primeiro instante ainda insiste em nos vir à cabeça: "Mas não é simplesmente uma veleidade pretender ensinar filosofia às crianças? Vamos, falemos sério..."

Até porque estas experiências filosóficas com crianças não são exactamente uma novidade, embora, na Itália, elas tenham florescido apenas no princípio do novo milénio, com a transformação daquilo que a princípio parecia uma improvisação em muitos livros publicados, seja em italiano ou em outras línguas.

Uma colecção especializada nessa área é editada pela casa Morlacchi, de Perugia, "Filosofia para crianças", na qual figura um livro de autoria de W. O. Kohan, *Infanzia e filosofia*, organizado por C. Chiapperini.

O autor, de origem argentina, é professor de Filosofia da Educação no Rio de Janeiro, foi presidente do prestigioso ICPI, Conselho Internacional de pesquisa filosófica para crianças, e encontra-se bem à vontade na Itália. Assim, da parte dele é possível esperar uma palavra clara e esclarecedora sobre o assunto.

Na extensa entrevista que abre o volume, o autor fala um pouco de Matthew Lipman, a quem se deve algo como a invenção do ensino da filosofia para crianças por volta de 1970, falando também de alguns dos riscos envolvidos nesse processo de educação filosófica para a infância. O primeiro risco, segundo ele, é a idealização da infância, como se os universais «criança» e «filosofia» fossem naturalmente semelhantes entre si. Pensando deste modo, o risco é sufocar a força peculiar da filosofia, ou seja, a sua vocação para subverter as aparências e assim banalizar o potencial do encontro entre ela e as crianças. É importante, ele prossegue, perceber que, ao fazer filosofia, as crianças não podem ser «levadas pela mão», devendo, antes, ser «liberadas», com o oferecimento de genuínas oportunidades de pensar, de olhar em volta, de experimentar chamar as coisas como elas acham que devem chamá-las. O contrário seria «exercitar as habilidades», procurar a aprovação dos adultos, tentar de várias formas «banco o bom moço».

Esta ideia que permeia todo o livro não tem nada de irrelevante, na medida em que a tentativa de guiar, de instruir, de formar estes filósofos embriônicos é uma tentação, digamos assim, espontânea, produzindo ou pelo menos podendo produzir um inconveniente imediato: aprisionar o pensamento deles, ao invés de libertá-lo. «Creio que uma das principais vantagens de levar a filosofia para a escola consiste na possibilidade de abrir o pensamento para o que ainda não foi pensado, percorrendo caminhos que ainda não foram trilhados» (p. XIV). Significativamente Kohan insiste muito também sobre um outro aspecto complementar e revelador: as coisas caminham bem quando é o próprio professor que se sente perplexo, verdadeiramente perplexo diante do que emerge na conversação filosófica dos seus alunos, o que equivale a dizer, em sentido oposto, que problemático é quando o professor se sente confirmado e gratificado, na medida em que isso pode significar que, no íntimo, ele está a dirigir os jogos, isto é, que ele não deixa as crianças suficientemente livres para ousar no pensamento.

Seguindo o modo correcto de agir, toma forma uma espécie de papel de *tourmesol*, um indicador útil para que a criança possa perguntar a si mesma: estou ou não estou no caminho certo?

Entre as coisas belas do livro destaca-se a reprodução de uma espécie de parábola zapatista. Nela lemos que os primeiros deuses, aqueles que criaram o mundo, tinham um embornal no qual conservaram as coisas que ficaram pendentes em seu trabalho de criação. Ocorre que um coelho roeu o embornal, fazendo com que todas elas caíssem e se perdessem. Os homens ofereceram-se para procurar todas essas coisas, cuja localização os deuses não sabiam indicar com precisão. «Todas as coisas pendentes de serem criadas no mundo são como vos dissemos, é preciso que cada um de vós as encontre por si mesmo. Assim, sabereis que aquilo que por ventura

achardes é uma coisa pendente de ser criada no mundo *se a tiverdes achado por vós mesmos*". Kohan conclui a passagem do seguinte modo: "E eles perceberam que a criação de um mundo demanda a participação de todos os que nele vivem... que não existe uma criação que não comporte também a intervenção dos outros" (pp. 22 s.). Poderíamos acrescentar: que as crianças vivam intensamente a tarefa de orientar-se, de trabalhar por sua própria identidade, de encontrar palavras capazes de exprimir o que lhes vem à intuição e que lhes seja concedido o tempo necessário para fazê-lo, acompanhadas de docentes empenhados em garantir-lhes este preciosíssimo tempo não apenas com palavras, mas com actos.

É também penetrante o longo posfácio da editora, que através da leitura do volume e das conversas travadas com o autor, avalia as diversas tendências que oscilam entre o método e a improvisação: também no caso da filosofia infantil, escreve ela, "instituir uma metodologia fechada significa tolher as asas das crianças", e ela prossegue referindo-se a um texto de Neri Pollastri: "A impro-vação é uma prática que se aprende fazendo referência a um vasto património tradicional que... é... readaptado às situações em que se é chamado a agir" (pp. 118 s.). Uma improvisação instruída, portanto? Uma improvisação feita com método? É possível ver delinear-se através das vias por ela indicadas uma terra de ninguém em que a fronteira entre método e improvisação dá espaço a uma razoável hesitação - que nada impede de ser uma hesitação construtiva, benéfica.

Trata-se, enfim, em seu conjunto, de um livro douto, um livro que ajuda a acertar, de um tipo que não se acha por aí todos os dias.

Livio ROSSETTI

Leão, D. F., Ferreira, J. R.; Fialho, M. C., *Paideia e Cidadania na Grécia Antiga*, Coimbra, Ariadne, 2006, 125 pp. ISBN: 972-8838-40-9.

Os quatro contributos reunidos neste volume constituem "um conjunto de reflexões sobre os primórdios da experiência e da consciência de cidadania", enquanto matrizes e momentos de consolidação da consciência política ocidental.

J. Ribeiro Ferreira, em "Educação em Esparta e Atenas" (pp. 11-34), depois de afirmar que, "de espírito particularista, o Grego considerava a pólis a única base possível de uma existência civilizada e livre", traça o quadro dos vários aspectos da formação do jovem e da jovem para alcançar a excelência nas duas mais significativas pólis gregas, numa dualidade que se há-de perpetuar em épocas posteriores: mais física e militar em Esparta, mais intelectual em Atenas.